

Garotinho x Rei do Melado

Israel Tabak

Campos tem canaviais, usinas, bóias-frias, UDR, TFP, padres tradicionalistas, um bispo excomungado e um prefeito meio caipira, cacique local há duas décadas, que ostenta o título de Rei do Melado. Tudo continuaria nos seus lugares, se pelas ondas do rádio a voz de um certo Garotinho não ameaçasse balançar os alicerces dessa velha estrutura.

Não há dúvida de que o radialista e deputado estadual Anthony Garotinho, candidato a prefeito pela coligação PDT-PSB-PCB-PV-PC do B e parte do PT, está incomodando o prefeito Zezé Barbosa (PMDB) e o seu candidato Jorge Renato Pereira Pinto. Afinal, o Rei do Melado jamais poderia supor que sua bem azeitada máquina fosse um dia ameaçada por um simpático e comunicativo rapaz de 28 anos que, entre outras novidades, se gaba de já ter promovido 800 "enterros comunitários".

Para saber mais sobre esses enterros, basta ligar a Rádio Continental de Campos. No segmento final de um dos últimos Shows do Garotinho a ouvinte Marli Bastos Monteiro conta que sua tia morreu e ela está sem dinheiro para pagar o funeral. "É um absurdo que a Prefeitura não pague essa despesa para as pessoas pobres. O enterro mais barato na cidade custa Cz\$ 14 mil", critica o comunicador. Imediatamente, conclama os ouvintes a inteirarem a quantia e oferece do seu bolso Cz\$ 5 mil, para começar. Em 15 minutos, dezenas de ouvintes, incluído o padre de uma igreja de periferia, perfazem a soma. É o clímax e o final do show, que tem se repetido nas últimas semanas. "Eu vim aqui porque você resolve tudo, Garotinho", agradece Marli.

Oligarquia — Não confundir com paternalismo, tenta alertar o radialista: "A grande mensagem do programa é mostrar o valor da solidariedade, do mutirão popular, para obter aquilo que os governos impopulares negam." Para os adversários não passa mesmo de um demagogo populista, que se tornou senhor absoluto do PDT local no melhor estilo brizolista. Mas Anthony William Mateus de Oliveira, que começou no PT, acha que está canalizando a insatisfação sobretudo das camadas mais pobres, "em relação a uma oligarquia política que, com curtos intervalos, vem dominando a cidade desde os anos 50".

É também através desse mutirão popular que o Show do Garotinho consegue muletas para os inválidos, agasalhos para os pobres, tudo em meio a conversas informais e bem-humoradas com os ouvintes, receitas caseiras e esperneios contra a alta do custo de vida, dos impostos, o abandono da periferia e queixas similares.

Além dos méritos do comunicador, o sucesso de audiência também tem conotações regionais. No interior, nas áreas mais carentes, o rádio fica ligado o dia todo: "Quem for bom de gogó está feito", reconhece o diretor local da UDR, Luís Antônio Rodrigues, dono de uma fazenda desapropriada para reforma agrária. "O Garotinho é de fato um fenômeno de comunicação, pois é competente e sabe canalizar as frustrações populares", completa o fazendeiro.

Os bóias-frias que saem dos arredores da cidade, em ônibus e caminhões, para plantar ou cortar cana, não desgrudam do radinho de pilha e estão entre os mais fiéis eleitores do Garotinho, que hoje é, de fato, o homem fone e senhor quase absoluto do PDT de Campos. Ele se orgulha de ter o nome de 12 mil filiados do partido no computador e de ter organizado e criado 148 núcleos de base, que contribuíram para que se transformasse, em 86, no deputado estadual mais votado da história do município.

Propriedade — No teste de popularidade, quando passeia pelas principais ruas do centro, o radialista é aprovado com sobras. Pára a toda hora para abraços, cumprimentos e solenes promessas de apoio. Mas de outras pessoas, arraigadas a velhos hábitos, o radialista só consegue desaprovação. O padre tradicionalista Hélio Marcos Rosa constata, preocupado, que "algumas pessoas vêm usando intensamente Os meios de comunicação para disseminar suas idéias. E é condenável a aliança com comunistas e socialistas, que esse radialista está fazendo, como dizem. O que eles querem é uma reforma agrária que fere o sagrado direito da pessoa à propriedade".

Por falar em propriedade, a UVDR está para decidir, entre as forças representadas por três proprietários rurais. — a do prefeito Zezé Barbosa (com seu candidato Pereira Pinto), Rockefeller de Lima (PFL) e Amaro Gimenes (PL) —, quem vai apoiar. Na visão do seu dirigente Luís Antônio Rodrigues, a situação fundiária no município "até que é tranqüila, sem conflitos. Persiste uma relação patriarcal entre o fazendeiro e seu empregado". O ruralista acha que Garotinho, embora seja, de fato, um fenômeno eleitoral e político, "ainda não tem estrutura para ganhar".

Diferente é a análise do jornalista Aluísio Barbosa, dono do mais influente e moderno jornal da cidade, a Folha da Manhã. Para ele, as forças tradicionais da cidade, agrupadas em torno do PMDB e PFL, estão perigosamente divididas. Por essa brecha é que Garotinho poderá "entrar e ganhar sem surpresa". A ajudá-lo, a própria evolução (ou involução) sócio-econômica do município. Com uma agricultura canavieira atrasada, sem irrigação, pouco produtiva, incapaz de acompanhar a modernização das usinas — que chegam a trabalhar com 50% de ociosidade — Campos, como todo o Norte fluminense, gera sobretudo êxodo rural. Mas a primeira parada — numa cidade de porte médio, com 400 mil habitantes — é a própria periferia do centro urbano. Hoje, a periferia de Campos, com suas 26 favelas, concentra 50% dos votos. E é justamente lá que reside a maior força eleitoral do Garotinho.